

5-005**Relação entre a flexibilidade excessiva do caule de seringueira e a carência de boro**

Larissa Alexandra Cardoso MORAES¹; Vicente Haroldo de Figueiredo MORAES¹; Adônis MOREIRA¹ e Silvana da SILVA¹

¹Embrapa Amazônia Ocidental (CPAA) – Rodovia AM 010, km 29, Caixa Postal 319, CEP 69011 970. Manaus-AM. silvana@cpaa.embrapa.br

Seringueiras com aproximadamente três anos de idade, apresentando caule extremamente flexível e sintomas semelhantes aos de deficiência de boro nos folófolios, foram observadas em um seringal próximo ao município de Presidente Figueiredo-AM. Para verificar se essa flexibilidade seria consequência de uma menor deposição de lignina na parede celular dos elementos do xilema, formando paredes finas e pouco resistente, já observado em outras culturas com carência de boro, fez-se um estudo anatômico comparativo entre plantas com e sem sintoma, quanto à espessura das paredes e ao teor de lignina, bem como quanto à concentração de grãos de amido no parênquima do xilema, já que, em condições de carência de boro, geralmente ocorre uma menor translocação de carboidratos das folhas para outras partes da planta. Os resultados não confirmaram a hipótese por não ter sido observada variação significativa entre a espessura e o teor de lignina das paredes dos elementos do xilema de plantas com e sem sintomas. A mais provável causa da flexibilidade dos caules foi atribuída à menor coesão entre as células do lenho, sendo observada uma redução no conteúdo da lamela média, cuja constituição apresenta pectatos de cálcio, composto responsável pela adesão entre as células vegetais e cuja síntese teria sido bloqueada pela deficiência de boro.

5-007**Alterações bioquímicas em diferentes estágios germinativos de sementes de seringueira (*Hevea brasiliensis* Muell. Arg.).**

Alessandro Carlos MESQUITA¹ Luiz Edson Motta de OLIVEIRA² Nelson DELÚ FILHO³ Giandré Torrezan PÁSSERI⁴ Sabrina Leandra Lourenço AMARAL⁴

¹Doutorando em Fisiologia Vegetal/DBI/UFLA mesquita@ufla.br; ²Professor Titular do Setor de Fisiologia Vegetal DBI/UFLA; ³Professor Visitante do Setor de Fisiologia Vegetal DBI/UFLA; ⁴Bolsista de Iniciação Científica

Este trabalho teve como objetivo estudar as alterações bioquímicas durante o processo germinativo de sementes de seringueira. O experimento foi conduzido na área experimental do DBI/Setor de Fisiologia Vegetal, com sementes provenientes de plantios multiclonaais, colhidas em fevereiro/2001. As sementes foram germinadas em areia lavada e os tratamentos foram constituídos dos diferentes estágios germinativos: estágio A (semente); estágio B (A+radícula); estágio C (A+B+raiz secundária); estágio D (A+B+C+caule); estágio E (A+B+C+D+folha); estágio F (A+B+C+D+E+folha expandida). A cada época, as sementes foram destacadas das plântulas e secas em estufa, trituradas e armazenadas em vidros a temperatura ambiente. Determinaram-se os teores de AST, AR, proteínas, aminoácidos e amido. Foi observado que os maiores teores de AST se encontravam no estágio/F. Os teores de AR foram reduzindo a partir do estágio/A até o estágio/D, havendo após este, um aumento nos estágios E/F. O teor de aminoácidos teve seu maior acúmulo em sementes no estágio/B, enquanto para proteínas foi observado em sementes no estágio/F. O teor de amido se manteve uniforme durante todo o processo germinativo, indicando não ser esta a fonte inicial de reserva das sementes de seringueira.